



CÍNTIA MICAELA AMORIM FIRMINO

---

**A prática da escrita como forma de emancipação para mulheres negras da diáspora**

**La práctica de la escritura como forma de emancipación para mujeres negras de la diáspora**



Cíntia Amorim Firmino, natural de Minas Gerais, e graduanda do curso de Antropologia na UNILA, onde desenvolve uma pesquisa sobre mulheres na capoeira enquanto educadoras e transmissoras das culturas das capoeiras. Estudou teatro e atualmente realiza a produção de um documentário independente chamado “Flores da Vila”. Em sua trajetória também atuou e produziu curtas-metragens independentes.

---

## A prática da escrita como forma de emancipação para mulheres negras da diáspora

### Introdução

O livro *Becos da memória*, da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, aborda de maneira não linear, como a própria memória se caracteriza. No livro, as vidas e as histórias de diversos personagens viventes da mesma favela que a personagem narradora Maria-Nova, se mesclam entre memória e ficção. Os personagens da obra vão sendo apresentados em pequenos capítulos, que fazem memória a geografia de uma favela, composta de becos, estreitos e à primeira vista, desorganizados. Suas histórias e capítulos, parecem desconectadas umas das outras, mas com o decorrer do livro vão se cruzando e formando parte da mesma grande história. A história que liga toda essa trama e personagens que habitam a história de Becos, é a do processo de desfavelamento que a favela e os moradores vivenciaram. A autora, ao assinalar o entrelaçamento da obra com a sua própria biografia, relembra que a favela das memórias de Maria-nova, de fato, já não existia mais no momento em que resgatava sua narrativa. O texto de Conceição (2017), discute as formas como as pessoas negras



e em especial, as mulheres negras são representadas e imaginadas na sociedade brasileira e o quanto isto afetariam as mesmas, no âmbito do silenciamento das vivências e contribuições dessas pessoas na literatura e na sociedade de forma geral.

Conceição, relata que a voz de sua mãe ao narrar suas histórias, a transportava para o passado, colocando-a diante de seu eu-menina, personificado no livro na personagem narradora, Maria-Nova. Segundo a autora, a literatura que contem a escrituraria<sup>1</sup> em seu formato, pode como ela escreveu, con(fundir) a identidade da narradora com a de sua escritora, mas os limites entre as duas, neste texto não fica explícito. A partir de suas experiências próprias e de sua relação com os demais moradores da favela onde vivia, a personagem Maria-Nova, narra o processo de desfavelamento que aquela comunidade vivenciou.

Observando, sentindo e vivendo cada tristeza e cada momento de comunhão e alegria na favela, a narradora menina, percebe tudo com curiosidade e com a coragem que a sua criação e vida, lhe forneceram. Neste trecho do livro, é possível perceber a crescente inquietação da menina diante da realidade e de sua necessidade de expressão:

“A menina crescia. Crescia violentamente por dentro. Era magra e esguia. Seus ossinhos do ombro ameaçavam furar o vestidinho tão gasto. Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e a fogo. A vida não brincava com ela nem ela brincava com a vida. Ela tão nova e já vivia mesmo. Muita coisa, nada ainda, talvez ela já tivesse definido. Sabia, porém, que aquela dor toda não era só sua. Era impossível carregar anos e anos tudo aquilo sobre os ombros. Sabia de vidas acontecendo no silêncio. Sabia que era preciso pôr tudo para fora, porém como, como? Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e a fogo”. (EVARISTO, 2017, p. 76)

O livro traz a escrita como forma de resistência e de registro de memórias silenciadas do povo negro. Por meio da vontade de Maria-nova, de escrever todas as histórias que lhe cruzaram. Este momento pode ser sentido no trecho:

“A menina encarou o homem nos olhos e a fundo. Depois olhou o corpo do tio Totó na mesa estendido. Olhou todos em volta. Olhou novamente Negro Alírio, Quis falar com ele sobre o que ela já tinha decidido. Calou, sabendo, entretanto, que iria adiante como ele. Sim, ela iria adiante. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o giro abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo”. (EVARISTO, 2017, p.177)

A escrita é colocada no texto como um meio de dar voz a essas pessoas. Como salienta bell hooks, em seu livro “Ensinando a transgredir” de 2013, os espaços de saber e de educação, assim como o poder da escrita, podem e sobretudo, devem, atuar como, fontes em potencial, de libertação de grupos socialmente marginalizados. A autora de *Becos da memória*, comenta no prefácio da terceira edição do livro, que a narrativa nasceu entre os anos de 1987 e 1988, e que o mesmo teria sido sua primeira



experiência em escrever um texto ficcional con(fundindo), segundo ela, escrita e vivência. Mesclando estes pontos, a escrita deste trabalho acabou se tornando um dos primeiros passos para o desenvolvimento de sua escritivência, conceito cunhado por ela, e hoje reconhecido na literatura Brasileira. Conceição, no espaço de agradecimento do livro, menciona a dificuldade que encontrou para publicar o livro, chegando a esperar 20 anos para a publicação de sua primeira edição, que ocorreu em 2006. Diante da espera, a sensível obra, ficou guardada na gaveta do esquecimento, segundo a autora. Para ela, celebrar a terceira edição de *Becos da memória* é importante e merece festa (EVARISTO, 2017). Mesmo com a demora para conseguir publicar “*Becos da memória*”, Conceição Evaristo, é reconhecida hoje como uma das maiores escritoras do Brasil, tendo publicado diversos livros. Fez sua trajetória na literatura e formou-se Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do RJ e formou-se doutora em Literatura Comparada, pela Universidade Federal Fluminense. Os escritos da autora, abrangem linguagens diversas tais como Contos, poesias, artigos acadêmicos e romances como “*Becos da memória*” e foram publicados em diversas línguas. Conceição, também recebeu diversos prêmios de literatura, entre eles o Prêmio Jabuti de Literatura, em 2015.

### **Escrita e emancipação das mulheres negras**

O apagamento que o livro de Conceição sofreu durante anos está relacionado aos efeitos danosos da colonização sobre as nações do Sul, como foi refletido pelo psiquiatra Franz Fanon (1968) em seus trabalhos. Fanon pensou acerca das inter-relações que se instituem na esfera social e sobre as interconexões que desenrolam de forma variada, a partir do colonialismo. A filósofa Ángela Davis, também analisa que a emancipação da abolição da escravatura, não colocou fim à violência sobre as mulheres negras, sendo estas violências, exercidas por outros mecanismos. Apesar da abolição da escravatura, Davis, salienta que as pessoas negras, ainda se encontravam relegadas a uma pobreza extrema e que ainda vivenciavam, uma violência que por vezes, superava a da escravidão. No caso das mulheres negras, apenas poucas conseguiram escapar ao trabalho no campo ou na cozinha. As que encontravam emprego na indústria, estavam fadadas aos mais pesados e menos remunerados serviços (DAVIS, 2016). Conceição Evaristo, rompe com estes papéis socialmente estabelecidos ao se tornar uma escritora negra que valoriza as experiências negras no mundo, na personagem Maria-nova, é possível perceber a resistência de não aceitar um lugar de silêncio diante de sua realidade. Davis, atribui às mulheres negras um “papel essencial, pois sendo um grupo fundamentalmente mais atingido pelas consequências de uma sociedade capitalista, foi obrigado a compreender, para além das suas opressões, a



opressão de outros grupos” (DAVIS, 2016, p.13). A narradora Maria-Nova, é muito madura e sagaz, pois se nega a aceitar o pequeno lugar que lhe é socialmente destinado, e direciona todos os seus esforços e recursos para sua educação (EVARISTO, 2017). A educadora estadunidense bell hooks (2013), nos alerta para o potencial que a escrita carrega, pois a mesma pode subverter verdades construídas socialmente e valorizar aqueles que foram de alguma maneira marginalizados por processos de opressão que se cruzam, como o racismo estrutural, a opressão e gênero e as desigualdades econômicas e sociais, interpretadas por ela de maneira interseccional.

Maria-Nova, que desde muito pequena era muito conectada com os livros que tinha acesso e com a ferramenta da escrita, da qual ela cultivava desde menina, diferentemente de outros personagens da favela (EVARISTO, 2017), que infelizmente, foram direcionados histórico e socialmente para uma vida de pouca instrução escolar e de analfabetismo, promovidos por um intenso processo de controle colonial e de subalternização dos povos negros, como afirmou Fanon (1968). Processos estes, que deram origem ao racismo estrutural, presente na realidade social de países colonizados como o Brasil. Sobre o interesse de Maria-nova pela escrita, podemos refletir com a ajuda da socióloga Patricia H. Collins, que argumenta que muitas mulheres negras têm efetivamente aproveitado o uso criativo de sua marginalidade, para construir um pensamento feminista negro crítico, a partir de um ponto de vista diferenciado da sociedade ocidental branca. Transformando assim, sua identidade e a sua comunidade (COLLINS, 2016).

Com o olhar de uma jovem menina narradora, enxergamos as estruturas que fazem com que pessoas como ela, negra e favelada, não tenham nunca espaço para narrarem e ou serem agentes de suas próprias histórias. A vontade de Maria-nova, em ter uma voz, surge como base para uma formulação de uma nova identidade negra, amparada em valores diferentes dos coloniais e que valoriza uma estética diaspórica negra. Paul Gilroy (2001), define a noção de diáspora em relação ao povo negro, não como uma dispersão catastrófica, mas como um processo que reorganiza a prática cultural e histórica do pertencimento em relação a África, não limitado apenas pelo território para determinar sua identidade.

As motivações relevantes a serem considerados nas narrações e nos escritos de e sobre Maria-Nova, e seu povo, deveriam ter a liberdade de se construírem de seu próprio contexto, porém são apagadas de forma estrutural, suas chances de construí-lo e o referencial necessário para isto. Frente a um processo histórico extremamente violento, que faz com que, segundo Fanon, o colonizado seja afetado de muitas formas, desde materiais até subjetivas. Pontuando, que para o sujeito que foi colonizado, este



processo e seus resultados se manifestam em sua vida, história e imaginário de maneira praticamente irreversível. Portanto, segundo Fanon, é impossível para o ser colonizado, jovem ou adulto, conectado ou não a luta pela libertação do colonialismo, não ser afetado por essa realidade colonial. Para Fanon (1968), violência seria uma condição fundamental da discussão, pois ela sempre construiu circunstâncias dentro do contexto da colonialidade de diversas formas, a qual, o ser colonizado nunca teve oportunidade de se distanciar mesmo em suas perspectivas e vivências individuais e ou cotidianas.

Fanon entretanto, afirma que o colonizado tem como função redimensionar e ressignificar estas violências, utilizando-as contra a opressão colonial, objetivando conquistar a libertação não só material e nacional mas também mental, cultural e epistemológica. Pois para ele, a reprodução da lógica opressora do colonizador, colabora para a realização de uma das etapas mais sutis da colonialidade, o epistemicídio (1968). Como estratégia de dominação são retiradas todas as ferramentas de pessoas racializadas e em situação de pobreza para produzirem suas narrativas. Até mesmo a consciência sua capacidade para criarem é apagada, colocando as mesmas em uma posição de subalternidade do olhar hegemônico, minimizador, racista e sexista dos herdeiros da colonização do Brasil.

Diferentemente do que pensa a ciência ocidental hegemônica, permeada por metodologias baseadas em conceitos de neutralidade, objetividade e positivismo que exclui saberes lidos como não-ocidentais, como também assinala Gilroy, (2001), pensadoras negras como Patricia H. Collins, (2016), Angela Davis (2016), e bell hooks, (2013), argumentam sobre como a trajetória pessoal de cada pessoa, nunca aparece dissociada da produção intelectual. Criticamente, as narrativas de mulheres negras em várias áreas, de alguma forma, sempre estão conectadas para uma percepção analítica, sobre as opressões de cor, gênero e classe, que se tangenciam de acordo com cada especificidade como escreve Davis, (2016). Pois segundo Davis, (2016), e Collins, (2016), que compartilham da mesma crítica, quando mulheres negras escrevem e se posicionam, ocorre sempre um certo questionamento anterior, a respeito de sua dor ou sua competência acadêmica. Questionamento esse motivado pela construção cultural estereotipa das mulheres negras, consideradas emocionais e desqualificadas para pensarem epistemologias. Essa visão a respeito das mulheres negras, influência mas não determina, como alerta Fanon, (1968), na forma como essas mulheres vão experienciar e perceber a vida.

A ressignificação de sua própria condição e a construção de uma nova autoafirmação, que negaria estereótipos racistas e que elevaria experiências reais, subjetivas ou coletivas de resistência, seria importante para as mulheres negras, pois segundo Collins (2016), as mulheres africanas e as diaspóricas, sofreriam com uma



autoimagem extremamente distorcida e depreciativa, advinda do processo colonial e que hoje se reconfiguram na modernidade colonial. Fanon, (1968), menciona que a forma como o racismo e os resquícios do processo colonial, afetam a saúde mental da população negra de forma negativa. O autor, também se atenta para a necessidade de uma reconstrução epistêmica do imaginário cultural, para enfim eliminar a ideologia do colono do mundo do colonizado. Collins (2016), através da ideia de autodefinição, instiga que mulheres negras rompam com estruturas de pensamento que não as identificam e partam em rumo a suas novas definições, produzidas por elas mesma e para elas mesmas. Assim como se encoraja Maria-Nova, a escrever e narrar as histórias suas e de sua gente (EVARISTO, 2017).

O ouvido empático de Maria-Nova, percebe em cada aprendizagem, em cada história ouvida, e em sua própria força e criatividade, a potência de sua gente. A força que os moradores da favela onde cresceu Maria-Nova, movem todos os dias para sobreviverem e a magnitude com que suas vivências a afetaram, fez com que Maria-Nova tivesse o estalo de sentir em seu peito, a vontade da denúncia. Ao mesmo tempo, ela percebe sua potencialidade, de maneira singela e sincera, (2017). Um grande questionamento que move a personagem, rumo a transgressão das limitações de representação é entender a potência que seria se as pessoas marginalizadas tivessem caminhos para contarem suas histórias. bell hooks, a cerca disto, estimula a transgressão dos silenciamentos banalizados e entende que este apagamento é também instaurado por instituições como a escola (2013). Influenciada por pedagogias anticolonialista, crítica e feminista, hooks, escreveu a respeito da necessidade de ampliação de práticas pedagógicas que utilizam de efetividade e se preocupem em estimular a questionar condutas que reforçam os sistemas de dominação. hooks, é muito persistente em relação a educação, que seria segundo ela, uma grande chave de libertação coletiva para as pessoas negras. Além disto, defende a renovação radical dos cânones educativos para que ocorra uma renovação das práticas educativas, para que compreendam a diversidade maior de alunos e alunas, não os silenciando. A autora enfatiza também, a necessidade de que os espaços educativos ensinem aos sujeitos a serem ativos da história (2013). Diante das desigualdades sociais e raciais, duramente experienciadas pelo processo de desfavelamento do relatado no livro, Maria-nova sente a necessidade de que suas vozes a respeito do ocorrido fossem ouvidas (EVARISTO, 2017). Os motivos para o desfavelamento citado pela autora, não foram discutidos no livro, como não parecem ter sido na vida real. O desfavelamento foi em realidade, uma imposição feita de cima para baixo, por camadas da sociedade brasileira mais abastadas, que alegavam diversos motivos aos moradores da época, sem se preocupar com o destino dos mesmos (EVARISTO, 2017).



## Reflexões finais

Os silenciamentos de pessoas marginalizadas, segundo hooks, são banalizados e naturalizados em diversas esferas sociais. Contudo, no ambiente escolar, o silenciamento das e dos estudantes faz parte da estrutura. Influenciando diretamente na capacidade dos e das alunas de gerar entusiasmo em aprender, estudar e ler (HOOKS, 2013). Esta ausência de entusiasmo é problemática e afeta a população negra que evadia sistematicamente as escolas segundo hooks, no período em que escreveu seu livro em 2013. Ao ter suas capacidades silenciadas na escola, que seria o lugar socialmente apropriado para as pessoas explorarem e aumentarem suas potências, as pessoas negras, sobretudo as mulheres negras, passam a obter menores chances de serem construtoras ativas de suas narrativas, já que esta função estaria destinada a elite cultural, possuidora da licença de criar narrativas.

hooks, discorre então sobre como o entusiasmo em aprender, também está relacionado ao interesse que estabelecemos pelos demais seres envolvidos no processo de aprendizagem e no ato de reconhecer a voz e a importância uns dos outros. Para a autora (2013), as pedagogias precisam reforçar e reconhecer que a presença de todos e todas é importante na construção do conhecimento da humanidade, estimulando que todos se tornem atuantes socialmente. Para hooks, ao promover que a sala de aula se torne uma comunidade de aprendizado, possibilitaria que o entusiasmo em aprender, fosse gerado pelo esforço coletivo em criar e compartilhar novas estratégias de produzir conhecimento, além das fronteiras já estabelecidas pela estrutura hegemônica colonial. Transformando as práticas educativas em um meio para a prática da liberdade (HOOKS 2013). Maria-Nova, se recusa ao silenciamento histórico e o faz a partir da noção de comunidade que tem com a favela. Sente que é seu dever levar adiante tudo que vivenciou e aprendeu de forma tão rica e viva, munida do entusiasmo diante da libertação coletiva. Conceição defende que seu livro, *Becos da memória*, pode ser lido como ficções da memória e argumenta que “como a memória esquece, surge a necessidade da invenção” (EVARISTO, 2017, p.11). Para ela “entre um acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção” (EVARISTO, 2017, p.11), a forma como a autora encontrou de lidar com a não linearidade e a não exatidão da própria memória, foi através do advento da invenção, para suprir suas lembranças. Diante disso, ela provoca ao dizer que nada que está escrito no livro é verdade e nem mentira, (2017). Em seguida, explica que isto se deve ao fato de que, no fundamento da construção do texto de *Becos da memória*, se encontra uma vivência, a sua vivência, a de sua família e a de sua antiga comunidade e que por isto, busca primeiro a narração que veio antes



da escrita (EVARISTO, 2017), evidenciando a importância da oralidade para sua obra.

Ao “reconstruir” sua memória a partir da voz de Maria-nova, Conceição Evaristo, acaba construindo uma outra narrativa sobre si mesma e a partir de sua autoavaliação, como escreveu Patricia H. Collins (2016), passa a propor novas ressignificações de identidade, mais próximas da realidade, da experiência subjetiva e material das e para as mulheres negras. Se colocando em oposição a estereótipos e silenciamentos impostos desde o empreendimento da colonização, como apontou Fanon (1968).

### Referências bibliográficas

COLLINS, Patricia. **Aprendendo com a outsider within**: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Revista Sociedade e Estado (2016).

DAVIS, Ângela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo (2016).

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2017. FANON, Franz. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

OLIVEIRA, Luiz. “**Escrevivência**” em memória, de **Becos da Conceição Evaristo**. Estudos Feministas. Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 621-623, agos/2009.

### Notas:

1. A escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil.